Introdução

Manuel Carlos Silva, Helena Machado, Ana Paula Marques e Sílvia Gomes

Este número duplo de Configurações, sendo mais flexível e apresentando um leque mais variado de artigos, não deixa de obedecer a uma certa lógica sequencial em termos temáticos, tal como se pode verificar ao longo deste número da revista.

Num primeiro artigo, Manuel Carlos Silva, questionando certos lugares de senso comum alimentados por concepções estruturo-funcionalistas em consonância com ideologias neoliberais em torno do fim do trabalho e do nivelamento social em sociedades ditas de abundância, define desigualdade como apropriação ou usurpação de bens, recursos e recompensas, implicando concorrência e luta. O autor faz uma revisitação do ambíguo e polissémico conceito de exclusão social em diversas perspectivas teóricas clássicas para, num segundo momento, fazer um balanço crítico, desconstruir ambiguidades e equívocos em torno do conceito de exclusão, dando prioridade analítica ao conceito de desigualdade social. Por fim, apontando, na esteira de Bourdieu, Bader e Benschop, para uma superação do velho dilema entre estrutura e acção, procura esboçar uma síntese proteórica através duma fecunda aproximação entre a perspectiva marxista e weberiana, em que as desigualdades e exclusões sociais são produzidas e reproduzidas pela acção social dos diversos tipos de actores sociais e esta, por sua vez, é estruturada pelas condições organizacionais e societais (pré) existentes das desigualdades.

Seguidamente, Loic Wacquant desenvolve a sua tese inovadora sobre a maior transformação política no sentido de firmar um Estado policial e carcerário, o qual, no quadro neoliberal, constitui o maior ataque aos direitos cívicos e seus movimentos de suporte com efeitos sobre as diversas formas de desigualdade. Neste artigo o autor focaliza a atenção sobre o reforço do estigma racial não apenas a nível interactivo e de redes sociais, mas a nível estatal, sendo as principais vítimas cidadãos negros nos Estados Unidos da América, em que

o estigma racial se imbrica simultaneamente, em termos de classe, com uma política estatal de perseguição aos negros pobres. Tratando-se de uma reconfiguração estatal da realidade, considera ser necessário não só o debate público como uma nova política para travar esta escalada penal estatal – um fenómeno não só moralmente indefensável como politicamente indigno.

Retomando a relação do Estado com a sociedade mas mais centrada na mediatização da dramatização da Justiça face à criminalidade, Helena Machado e Filipe Santos oferecem-nos uma reflexão sobre os riscos e oportunidades das relações porosas entre a Justiça e os *media*, em que, a propósito da mediatização de uma "vaga de assaltos e de criminalidade violenta" em 2008 e do descrédito induzido sobre a Justiça e as forças policiais, alguns dos seus responsáveis têm sido permeáveis aos holofotes dos *media*, com todas as consequências daí derivadas. Porém, os autores avançam a reflexão, articulando a dramatização com a construção duma esfera pública potenciadora do exercício da cidadania por parte de cidadãos informados nestas matérias.

No âmbito da problemática das desigualdades de classe e, em particular, na definição do conceito de classe, João Valente Aguiar, no quadro da velha polémica entre uma perspectiva marxista estruturalista, designadamente da escola francesa (Althusser, Poulantzas) e uma abordagem histórica e mais centrada nos processos (Thompson), vem reforçar esta última sobre a formação da classe operária, relevando as vivências, as socializações e as lutas concretas para a tomada de consciência e a acção de classe.

Articulado com o processo de consciencialização ganha destaque a acção sindical e os inerentes processos de concertação social tripartida (sindicatos, associações patronais e Estado) que é analisada por Henrique Sousa, no âmbito duma perspectiva crítica do neocorporativismo contemporâneo, o qual, não se confundindo de modo algum com corporativismo fascizante, convoca a ideia de compromisso em países capitalistas avançados, designadamente do Norte de Europa. Tendo nascido este modelo neocorporativista de inspiração social-democrata no quadro da construção do Estado Social, tardia e insuficientemente implementado em Portugal, o autor sustenta a necessidade de reforço das políticas públicas e considera, na relação do sindicalismo com o sistema político, haver neste campo algum espaço útil na procura da defesa dos interesses do mundo do trabalho.

Ainda no registo de temas sobre trabalho e classe, Bruno Monteiro e João Queirós analisam, no quadro da recente conjuntura em baixa da economia portuguesa em termos de crescimento, o investimento, o poder de compra e a elevada taxa de desemprego, as mudanças em curso sobre os padrões de mobilidade da mão-de-obra, trazendo à superfície o que designam de deslocamento contínuo de milhares de trabalhadores em migrações pendulares do Norte do país para a Galiza. Os autores evidenciam uma realidade cada vez mais pervasiva na construção civil e noutras indústrias transformadoras no norte do país (madeiras, mobiliário, têxtil, vestuário), num contexto de crise ou sob forte

concorrência interna e sobretudo externa. Mais, combinam e enriquecem a sua reflexão com a observação participante sobre disposições e vivências de trabalhadores da construção civil nas suas migrações pendulares semanais para a Galiza ("entre cá e lá"), tomando como estudos de caso trabalhadores moradores de duas aldeias – Rebordosa em Paredes e Fonte Arcada em Penafiel.

Um outro campo de interesse investigativo neste número da Revista, no âmbito da globalização económica, política e cultural de orientação predominantemente neoliberal, é a escola não só pública como privada. Eunice Macedo evidencia como no espaço escolar é inculcado e legitimado, na alvorada do século XXI, um modelo escolar assente na competitividade e em valores próprios da economia orientada para o lucro. A autora, que analisa o contexto numa escola privada orientada para a formação de jovens de elite, revela formas de desigualdade e constrangimentos ('vozes poderosas') que moldam os percursos de jovens por razão de género, de nacionalidade e de classe, condicionando-os enquanto 'consumidores'.

Ainda conectando sociologicamente a escola com o tema da exclusão social, Ana Blanco Garcia, com base numa metodologia qualitativa e interpretação de documentos resultantes de entrevistas, analisa o fenómeno pouco estudado da dislexia no quadro escolar e familiar a partir de um modelo de interpretação interaccionista e conflitualista. Trazendo os contributos da Sociologia para a educação especial, a autora sustenta e evidencia que se trata de um problema eminentemente social mas que é invisível e nem sempre é reconhecido pelo ambiente social e familiar.

Um outro tema com enquadramento institucional cada vez mais objecto de investigação é respectivamente a saúde e o hospital, igualmente sujeito a pressões e lógicas que nem sempre convergem com o serviço e o interesse público. Desta problemática João Areosa traz a lume as incertezas de uma actividade profissional de risco, designadamente para médicos e técnicos desta especialidade – o serviço de imagiologia –, para o que se socorre da observação participante e da entrevista. Deste modo o autor avalia os riscos e a percepção dos riscos a que estão sujeitos e expostos os profissionais, como às radiações ionizantes, além dos riscos biológicos correntes em meio hospitalar.

Os últimos textos combinam temas que cruzam o trabalho para uns e o lazer para outros. Tal é o caso do tema do turismo sexual, estudado por Fernando Bessa Ribeiro e Octávio Sacramento que puderam recolher material etnográfico através da observação em diversos períodos de trabalho de campo no Brasil, designadamente a partir de 2005, na cidade nordestina do Natal no Rio Grande do Norte. Com efeito, como evidenciam os autores, o turismo sexual representa a mercantilização não só da natureza como da cultura e da própria sexualidade, para o que concorrem as novas tecnologias e imagens disponíveis.

Este mesmo tema veio a ser analisado por Roselane Gomes Bezerra mas já com uma preocupação pelos processos de representação e classificação dos

espaços urbanos frequentados pelas meninas que se predispõem a sair com turistas. Tendo como referente empírico o bairro Praia de Iracema – situado na cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, Brasil -, estes espaços, ao serem apropriados e usados em contexto de turismo sexual, correm o risco de serem desclassificados como espaços de 'prostitutas' e 'gringos' e, em consonância com as categorias e representações maioritárias nativas, tornam-se espaços socialmente 'degradados'.

Ainda na esfera do lazer em fenómenos de massas relevam, por fim, dois textos sobre o futebol – um objecto de estudo sociológico e antropológico com enorme actualidade – textos estes que nos são dados por especialistas da área em Portugal: a socióloga Salomé Marivoet e o antropólogo Daniel Seabra. O primeiro texto debruça-se sobre a violência praticada por adeptos de futebol, contextualizando o caso português no espaço europeu. É aqui destacada a violência no desporto português entre claques, para a qual concorrem não só os climas de tensão na competição desportiva como as desconfianças instaladas em torno de jogos de bastidores que ameaçam a justiça desportiva. Acresce ainda, segundo a autora, a exacerbação dos estereótipos tradicionais masculinos associados à designada mentalidade *ultra* da claque que, num quadro de solidariedade mecânica, desencadeiam actos brutais de violência, replicando e canalizando nesta esfera outras violências subliminares presentes na sociedade.

Tendo como pano de fundo a mesma problemática, o segundo texto focaliza-se mais sobre a claque dos Super Dragões em que Daniel Seabra destaca os principais elementos que constituem a identidade deste grupo e qual a pertença social dos seus membros, baseando-se para tal em entrevistas. Embora não descarte alguma reflexão e discussão teórica, designadamente em notas de rodapé, para suportarem as suas descrições empíricas, o autor incidiu propositadamente mais sobre as dimensões do comportamento da claque sem pretender uma etnografia densa que reservará certamente para a publicação da sua tese de doutoramento, defendida em 2009 na Universidade de Lisboa.

A jeito de síntese, poderemos assinalar tratar-se de textos que oferecem contributos aprofundados e até inovadores sobre temas de relevância não só científica como social e política.

.